

## O DIÁLOGO DO PÃO PEÇONHENTO

TERESA CÂNDOLO  
CEDAE

quatenus nobis denegatur diu vivere, relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur.

“pois que não nos é outorgado viver muito tempo, deixemos alguma coisa com que provemos que fomos vivos”.

Plínio o Moço, *Cartas*, III, 7.

Encontramo-nos diante de um pequeno excerto dos **Diálogos de São Gregório Magno**, do Códice Alcobacense XXXVI/181, que faz parte da coleção dos quase 500 códices do Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça que chegaram até nós e encontram-se, em sua maioria, no Arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa e, em menor parte, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo<sup>1</sup>.

No **Inventário dos Códices Alcobacenses**, encontramos, à página 147, vol. II, as informações bibliológicas, paleográficas e bibliográficas acerca do Códice XXXVI<sup>2</sup>.

É sabido que os monges brancos de Alcobaça prepararam o caminho para a popularização da espiritualidade e moral cristãs, efetuada

posteriormente pelos Franciscanos, com suas romencializações e traduções para o português de obras doutrinárias latinas, que visavam sobretudo a leitura dos irmãos conversos, mas espalharam-se para além dos muros do mosteiro<sup>3</sup>.

É nesse feixe de romencializações e traduções que podemos inserir nosso códice. Do texto dos **Diálogos** em português conhecemos três apógrafos: o Cód. Alc. XXXVI/181, em gótico, datado de 1416 (datação cristã); o Cód. Alc. XXXVII/182, em gótico, de meados do XIV (ambos atualmente no arquivo da BNL); e um exemplar particular, de posse do filólogo Serafim da Silva Neto, também em gótico e do XIV. Esse mesmo filólogo publicou, em 1950, uma edição crítica dos **Diálogos de São Gregório**, segundo esses três códices, tendo utilizado como arquétipo o seu manuscrito particular<sup>4</sup>.

Temos ainda na coleção da BNL o Cód. Alc. XXXV/176<sup>5</sup>, com os **Diálogos** na versão latina, em letra francesa do século XIII, depreendendo-se daí que se trata, possivelmente, do apógrafo de onde foram vertidos os textos portugueses<sup>6</sup> (Obs.: O texto latino dos **Diálogos** circulava em Portugal pelos mosteiros desde o XII, na época das regras de S. Rosendo e S. Frutuoso.).

Para conferir sobre a obra de São Gregório Magno, é interessante uma consulta à **Patrologia Latina**, de Migne<sup>7</sup>.

Encontramos excertos publicados do ms. particular de S. Silva Neto em **Textos Medievais Portugueses e seus Problemas**, desse mesmo filólogo, e em artigo de J.J. Nunes na **Revista Lusitana** t. XXV; do Cód. Alc. XXXVII, em Leite de Vasconcellos, **Textos Arcaicos**; e Mário Martins, em seu **Estudos de Literatura Medieval**, dá-nos amostras e comentários da edição crítica de Silva Neto<sup>8</sup>.

O Cód. Alc. XXXVI/181, que apresenta lacunas por mutilação e perda de fólios, acreditamos inédito.

As presentes transcrições do mesmo são parte de um trabalho desenvolvido no CEDAE (Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulalio"), em cujo acervo encontram-se reprografias e microfílm de vários manuscritos da BNL.

Na primeira das transcrições, optamos por uma versão o mais fiel possível ao manuscrito, realizando uma transcrição diplomático-paleográfica, linha por linha, para melhor comparação ao fac-símile. As abreviaturas foram desdobradas, e as letras acrescentadas constam em negrito (com exceção do til indicativo de nasalidade, cuja resolução, por ser polémica, não é preferível à sua manutenção); seguindo-se o critério de fidelidade, a ortografia foi mantida à risca, conservando-se letras geminadas, junções de palavras, acentuação, **i** e **u** em funções consonantais etc; a pon-

tuação foi mantida, porém, enquanto no original encontramos dois sinais distintos para marcá-la, aqui utilizamo-nos de apenas um sinal, o ponto, por não encontrarmos relação que se mostre relevante na alternância desses sinais. Perante a diversidade de regras para a transcrição de textos medievais<sup>9</sup>, atemo-nos aqui mais às regras de paleógrafos, via Borges Nunes<sup>10</sup>.

Na segunda transcrição, procuramos aproximar o texto do leitor de nossos dias, atualizando ortografia e pontuação. Quanto ao léxico, foram mantidas todas as palavras que têm entrada em dicionários atuais e, quando não, foram acrescentadas notas explicativas. Tentamos não alterar o ritmo e a melodia da narrativa, preservando ao máximo a sintaxe original, mesmo quando esta não concorda com as normas vigentes.

Temos, dessa forma, ao alcance de qualquer leitor, uma amostra dessa prosa hagiográfica que, embora tardia, é parte da literatura do período medieval. Faz-se útil notar aqui que a esta coleção alcobacense pertencem inúmeros manuscritos inéditos, cuja publicação urge, para se fazer uma revisão do panorama da literatura medieval, que por tanto tempo construiu-se sobre a imagem de uma produção quase que exclusivamente poética<sup>11</sup>.

hic scō. tanto et maiore desidio ouis. Do pūm p̄centū

**(fl. 40 r) Do pam peçoento que**

o coruo leuou lonar p mandado de sam leuto. **D**icou: jo-  
 an Gregorio contou ento. pla lua uida q est honrada sam  
 leuto fazia. todos aqle logare q staua d'ypede qraa no  
 amor de deo. Emuitor leuaua omudo. e metra st na orde pa ipu  
 dez del. em como pdessem suz seu stebor ihu xpi. Cassi como h  
 custume dez homees maao. q embarca stuy oq ce oute fazt. q  
 ele no qrem faz. for hi pto do as. de sam leuto huu plalado  
 d'hu egia. q auia nome florencio. Efoj auoo de st' nosso eligo d  
 euagellho. q outissi ha nome florencio. Est plado foj assy cego  
 pla maldade do emygo. q no podia possir ce lree. q deo fazia p  
 sam leuto. Edizia a fama da lua uida q auy. qnto el maie  
 podia. Edizia ace homeee lree qo no fossen ueer ca no era ta  
 lro como els cuidaua. Edizis q el nyu. q qnto se el maie tra  
 ballaua de lbe tollir a fama da lua uida q el auia. tanto a fa  
 fama qraa de len em melhor. e tanto ce homeee o honraua.  
 qnto el p sa palaua omate d' honraua. Eleuaua omudo. e  
 uynba se faz st' d'icplis. e uyi com el. pr ogms louuo: da sa  
 scidade q ouyau. Etanta foj a enucia. q est plalado florencio  
 ouue q cuidou em seu corao como omataste. Emuou lbe  
 pa pcento. com por snolla. e em loxo de pans lreto. Qde por.  
 qo st' home deu muirae qraa adeo polo pa q lbe euraio. no  
 se lbe abscondo apconba. q dentre andaua abscondida. Mas  
 entendo muy len. q opans era pcento. E qndo ueo a hora de  
 con. e el scendo a sua mesa ueo huu coruo d'huia mata. q staua  
 p'cto do as. ao ql el seny daua pans co sa maao. ca seny naqla  
 hora. coruo hi uynba. Ento deitou sam leuto opans pcento

(fl. 40 v) o coruo leuou longe per mandado de Sam béénto. Gregoryo Sam Gregorio contou entõ. pola boa ujda que este honrado sam Beento fazia. todos aquels logares que stauã darredor creciã no amor de deus. Emuytos leixauã o mûdo. e metyã se na ordẽ pera aprender del. em como podessem serujr seu senhor **Jhesu Christo**. Eassy como he custume dos homêês máãos. que enbargã senpre oque os outros fazẽ. que eles nõ querem fazer. foy hi perto do **Moesteiro** de sam béénto hũu plado dhũ egléria. que auya nome florencio. Efoy auóó deste nosso clerigo de euãgelho. que outrossy ha nome florencio. Este plado foy assy cego pola maldade do ãmljgo. que nõ podia soffrer os bẽes. que deus fazia per sam beento. Edesfazia afama da boa ujda queauy. quanto el mais podia. Edizia aos homêês bõós que o nõ fossem uéer ca nõ era tã bõo como eles cuydauã. Edepois que el uyu. que quanto se el mais trabalhava de lhe tolher afama da boa uyda que el auya. tanto asa fama crecia de bem em melhor. e tanto os homêês o honrauã. quanto el per sa palaura omais deshonraua. Eleixauã omûdo. e ufjnhã se fazer seus dicipolus. e ujuer com el. por ogram louuor da sa sctidade que ouuyam. Etanta foy a enueia. que este plado florêcio ouue. que cuydou em seu coraçõ como omatasse. Eenuyou lhe pã peçoento. come por smolla. e em logo de pam bẽeto. Edepois que o scto homẽ deu muytas graças adeus polo pã que lhe êuyarõ. nõ se lhe abscondeo apeçonha. que dentro andaua abscondida. mais entendeo muy bem. que opam era peçoento. Equando ueo a hora de comer. e el séendo asua mesa ueo hũu coruo dhũa mata. que staua preto do **Moesteiro**. ao qual el senpre daua pam cõ sa mãao. ca senpre naquela hora. o coruo hi ufjnhã. Entõ deytou sam bẽeto opam peçoento

Li

q' l'he eny aya floreceio aut o coruo. e madou l'he em nome d'ihu  
 xpo. e dissell'he. leua est' pan. e deitao em tal logar. q' onõ possa  
 homie do mundo achar. Fento o coruo abryu a boca. e stendeu ac  
 aie. e comeo d'andar apredoz do pan. Ebra. adua. come st di  
 se abrenit. q' q'ria obidecer. maie. nõ podia opz o mandado.  
 Eo scõ homie l'he disse e l'he madou p' duas uezz. leua leua se  
 guyo aqst' pan. e deitao em tal logar hu nõ possam achar. E  
 o coruo demorou muito. eny aacima tomou o pan e leuou.  
 o e for se co el. e fez como l'he mandou o scõ homie. Ede pie. aie  
 ffe horae tornou se. e tomou da maõ do homie de deo. sua maõ.  
 assy como suia cada dia tomar. Ede pie qo honrado padre say  
 l'cento uyu. qo coruo daq' plalado era tam acceso em mal co  
 tra sa uida. e coça seu stado. ouue del mooz doo q' de sy. Ede pi  
 q' aq' plalado uyu qo nõ podia matar. trabalhou se de matar.  
 as almas de sto diciply. e tomou set' mynas. sem uistidu  
 paie ne huae. e metto as em huõ orto da cella e q' sja sam l'ce  
 to. e aut' ce. olhae de sto diciply. e fez as andar e q' el'har  
 aut' ele. tam q'ny p'ca. q' todos sto coraões fozo mouido.  
 nae delecte. e nae saloze da cõie. Ede pie qo honrado pa  
 dre say l'ce. uyu q' todo aq' mal l'he uynha p' aq' plalado.  
 floreceio pola q'nde eueia q' l'he auya. p'ny se daq' logar e q'  
 era seu uynho. e leuou naq' logar moate l'ce. e anciaae.  
 e q' disse em tem sae horas. e q'rdastem tem sa ordem. Eel  
 leuou co sigo aqle. q' entendo q' eram maie. maie l'ce. Ede  
 pie qo scõ homie mudo seu logar. pola maldade daq' plala  
 do. de q' suso falamos. por esto deo atormentou muito spanteza.



(fl. 41 r) **que** lhe ãuyara florẽcio ante o coruo. e mãdou lhe em nome de **Jhesu Christo**. e dõsselhe. leua este pam. e deytao em tal logar. **que** o nõ possa homẽ do mũdo achar. Eentõ ocoruo abryu aboca. e stendeu as áás. e começou dandar arredor do pam. Ebraadaua. come se disse abertamẽte. **que** querya obidécer. mals nõ podia **conprir** omandado. E o sçto homẽ lhe disse e lhe mãdou **per** duas uezes. leua leua se-guro a queste pam. e deytao em tal logar hu nõ possam achar. E o coruo demorou muyto. enpero áácíma tomou o pam e leuou-o e foy se cõ el. e fez como lhe mandou o sçto homẽ. Ede pois áás tres horas. tornou se. e tomou da mãáo do homẽ de deus. sua raçõ. assy como suya cada dia tomar. Ede pois **que** o honrado padre sam Béento uyu. **que** o coraçõ daquel plalado era tam acceso em mal cõtra sa uyda. e cõtra seu stado. ouue del móór dóó **que** de sy. Edepois **que** aquel plalado uyu **que** o nõ podia matar. trabalhou se de matar. as almas dos seus dicipolus. e tomou sete mjinjas. sem uistiduras nẽhũas. e meteo as em hũu orto da cella ã **que** síja sam bẽeto. e ante os olhos de seus dicipolus. e fezeas andar. e trebelhar ante eles. tam gram peça. **que** todolos seus corações forõ moujdos. nos delectos. e nos sabores da carne. Ede pois **que** o honrado padre sam bẽeto. uyu **que** todo aquel mal lhe ufjnhã **per** aquel plalado. florẽcio pola grande ãueia **que** lhe auya. partyu se daquel logar ã **que** era seu ujzinho. e leixou naquel logar mõges bõos. e anciããos. e **que** dissessem bem sas horas. e guardassem bem sa ordem. Eel leuou cõsigo aquels. **que** entendeo **que** erar mais mãcebos. Edepois **que** o sçto homẽ mudou seu logar. pola maldade daquel plalado. de **que** suso falamos. por esto deus atormẽtouo muyto spantosa-

nre: Ca el stando em huiu seu sobrado. de porie q̄ ouuiu diz q̄sa  
 beento se p̄nta daq̄l lozar em q̄ moraua. ouue ende q̄m plazer  
 Uele stando fazendo q̄m festa polo mal q̄ feza a sans lecto ca  
 ru o sobrado em q̄ el staua. e for todo seu corpo sim galhado dae  
 pedrae q̄ cairons sobre. Cassi uinaou deo sans lecto do seu  
 emygo. E sans auauo diapló de sans lecto. de porie q̄ uuu  
 como mozeja aq̄l plalado. p̄sigdor daq̄te santae homece  
 mandou diz a sans lecto. q̄ ainda dali nō era dez milhae.  
 q̄ fazens aq̄l leqoae q̄ aq̄l plalado flozeio. aq̄ra do seu so  
 brado e mozeja. e por esse mandou lbe diz q̄ se tornasse. E de  
 porie q̄o honpado padre sans lecto ouuiu diz q̄ aq̄l plalado  
 mozeja. tans maã mort. fez q̄m planto. Ou por q̄ o seu e  
 mygo mozeja tã maã mort. e em tans q̄m p̄tuo daalma.  
 Ou por q̄ o seu diapló ouue plaz da mort de seu emygo. E  
 por esse deu lbe q̄m p̄cendencia. por q̄ co tans q̄m plaz lbe en  
 uuu diz amort do seu emygo. Pedro.

**P**etrono disse o seu elige dno pedro. q̄ndo mianilhae  
 sons estae padre q̄ contrae de st̄ glioso padre sans lecto. Ca  
 na angua q̄ tyou da pedra. semelha adofec. E em no sepo  
 q̄ saiu do fundo da lagoa. semelha. E lseu. E em na angua  
 sobre q̄ andaua o monge semelha o apló sans pedro. E em  
 na obediencia do coruo semelha dauy. E consijio eu q̄  
 est. santo ouue em senbra. todalae q̄ras do spū st̄o q̄ ceou  
 que homece ouuons p̄ p̄te. Gregorio

**S**ans Gregorio disse. a pedro.

Esuo de des sans lecto ouue o spū sancto dhuu deo

(fl.41 v) mēte. Ca el stando em hūu seu sobrado. depois **que** ouuyu dizer **que** sã Béeŋto se **partira** daquel lugar em **que** moraua. ouue ende gram prazer Eele stando fazendo gram festa polo mal **que** fezera a sam bééto. cayu o sobrado em **que** el staua. e foy todo seu corpo smigalhado das pedras **que** cayrom sobre. Eassy uýngou **deus** sam bééto do seu êmýgo. Esam Mauro dicipolo de sam bééto. de pois **que** uyu como morrera aquel plalado. **persiguidor** daquels santos homēes. mandou dizer a sam bééto. **que** aínda daly nõ era dez milhas. **que** fazem cincoo legoas. **que** aquel plalado florêcio. caera do seu sobrado e morrera. e por esso mandou lhe dizer **que** se tornasse. Ede pois **que** o honrado padre sam bééto ouuyu dizer **que** aquel plalado morrera. tam máá morte. fez gram planto. Ou por **que** o seu êmýgo morrera tam máá morte. e em tam gram perigóó daalma. Ou por **que** o seu dicipolo ouue prazer da morte de seu êmýgo. E por esso deu lhe gram pééndença. por **que** cõ tam gram prazer lhe enuyou dizer. amorte do seu êmýgo. Pedro.

Entom disse o seu clerigo dom pedro. **grandes marauilhas** som estas padre **que** contas deste glorioso padre sam bééto. Ca na augua **que** tirou da pedra. semelha Moyses. Eem no ferro **que** sayu dofundo da lagoa. semelha Eliseu. Eem na augua sobre **que** andaua o monge. semelha o **apostolo** sam pedro. Eem na obediencia do coruo. semelha daujd. Econsýfro eu **que** este santo ouue em senbra. totalas **graças** do spritu sçto. **que** os outros homēes ouuerom **per partes**. Gregoryo

Sam Gregorio disse. apedro.

Oseruo de **deus** sam bééto ouue o spritu sancto dhūu **deus**

Do pão peçonhento que o corvo levou longe por mandado de São Bento.

Gregório:

São Gregório contou, então, que, pela boa vida que este honrado São Bento fazia, todos aqueles lugares que estavam derredor cresciam no amor de Deus. E muitos deixavam o mundo e metiam-se na Ordem para aprender dele em como poderiam<sup>1</sup> servir seu Senhor Jesus Cristo. E assim como é costume dos homens maus, que embargam sempre o que os outros fazem, que eles não querem fazer, foi i perto do Mosteiro de São Bento um prelado duma igreja que havia nome Florêncio. E foi avô deste nosso clérigo de evangelho que outrossim há nome Florêncio. Este prelado foi, assim, cego pela maldade do Imigo, que não podia sofrer os bens que Deus fazia por São Bento. E dizia aos homens bons que o não fossem ver, ca não era tão bom como eles cuidavam. E depois que ele viu que quanto se ele mais trabalhava de lhe tolher a fama da boa vida que ele havia, tanto a sua fama crescia de bem em melhor, e tanto os homens o honravam quanto ele por sua palavra o mais desonrava; e deixavam o mundo e vinham se fazer seus discípulos e viver com ele, pelo grande louvor da sua santidade que ouviam; e tanta foi a inveja que este prelado Florêncio houve, que cuidou em seu coração como o mataria<sup>2</sup>. E enviou-lhe pão peçonhento, como por esmola, e em logo de pão bento. E depois que o santo homem deu muitas graças a Deus pelo pão que lhe enviaram, não se lhe escondeu a peçonha que dentro andava escondida, mas entendeu muito bem que o pão era peçonhento. E quando veio a hora de comer e ele sendo<sup>3</sup> à sua mesa, veio um corvo de uma mata, que estava perto do Mosteiro, ao qual ele sempre dava pão com sua mão, ca sempre naquela hora o corvo i vinha. Então deitou São Bento o pão peçonhento que lhe enviara Florêncio ante o corvo, e mandou-lhe em nome de Jesus Cristo, e disse-lhe: "Leva este pão, e deita-o em tal lugar que o não possa homem do mundo achar." E então o corvo abriu a boca, e estendeu as asas, e começou d'andar ao redor do pão. E bradava, como se dissesse abertamente que queria obedecer, mas não podia cumprir o mandado. E o santo homem lhe disse e lhe mandou por duas vezes: "Leva, leva seguro aqeste pão e deita-o em tal lugar u não possam achar." E o corvo demorou muito, em pero, à cima, tomou o pão e levou-o, e foi-se com ele, e fez como lhe mandou o santo homem. E depois, às três horas, tornou-se, e tomou da mão do homem de Deus sua ração, assim como sofa cada dia tomar. E depois que o honrado padre São Bento viu que o coração daquele prelado era tão aceso em mal contra sua vida e contra seu estado, teve dele maior dó que de si. E depois que aquele prelado viu que o não podia matar, trabalhou-se de matar as

almas dos seus discípulos, e tomou sete meninas, sem vestiduras nenhuma, e meteu-as em um horto da cela em que era São Bento, e ante os olhos dos seus discípulos, e fê-las andar e trebelhar ante eles tão grande peça que todos os seus corações foram movidos nos deleitos e nos sabores da carne. E depois que o honrado padre São Bento viu que todo aquele mal lhe vinha daquele prelado Florêncio, pela grande inveja que lhe havia, partiu-se daquele lugar em que era seu vizinho e deixou naquele lugar monges bons e anciãos, e que dissessem bem suas horas, e guardassem bem sua Ordem. E ele levou consigo aqueles que entendeu que eram mais mancebos. E depois que o santo homem mudou seu lugar, pela maldade daquele prelado, de que suso<sup>4</sup> falamos, por isto Deus atormentou-o muito espantosamente, ca ele estando em um seu sobrado, depois que ouviu dizer que São Bento se partira daquele lugar em que morava, houve ende<sup>5</sup> grande prazer; e ele estando fazendo grande festa pelo mal que fizera a São Bento, caiu o sobrado em que ele estava, e foi todo seu corpo esmigalhado das pedras que caíram sobre. E assim vingou Deus São Bento do seu imigo. E São Mauro, discípulo de São Bento, depois que viu como morrera aquele prelado, perseguidor daqueles santos homens, mandou dizer a São Bento, que ainda dali não era dez milhas, que fazem cinco léguas, que aquele prelado Florêncio caíra do seu sobrado e morrera; e por isso mandou-lhe dizer que se tornasse. E depois que o honrado padre São Bento ouviu dizer que aquele prelado morrera tão má morte, fez grande pranto, ou porque o seu imigo morrera tão má morte e em tão grande perigo d'alma, ou porque o seu discípulo houve prazer da morte de seu imigo. E por isso deu-lhe grande pendenza<sup>6</sup>, porque com tão grande prazer lhe enviou dizer a morte do seu imigo.

Pedro:

Então disse o seu clérigo dom Pedro:

- Grandes maravilhas são estas, padre, que contas deste glorioso padre São Bento. Ca na água que tirou da pedra, semelha Moisés. E no ferro que saiu do fundo da lagoa, semelha Eliseu. E na água sobre que andava o monge, semelha o apóstolo São Pedro. E na obediência do corvo, semelha Davi. E considero eu que este santo houve ensembra<sup>7</sup> todas as graças do Espírito Santo que os outros homens houveram por partes.

Gregório:

São Gregório disse a Pedro:

- O servo de Deus São Bento houve o Espírito Santo dum Deus...

## NOTAS

1. Conferir em A.F. de Ataíde e Melo na introdução do **Inventário dos Códices Alcobacenses**, elaborado por Botelho da Costa Veiga, BNL, Lisboa, 1930.
2. Veiga, B. da Costa, op. cit., p.147, vol. II. Af, a propósito do Cód. XXXVI/181, lê-se o seguinte:

// XXXVI  
181

Os quatro livros dos Diálogos de S. Gregório Magno, seguidos da Vida de Santo Aleixo e da Vida do cativo monge confesso. Em português.

Pergaminho. — 276 × 185. — [ 1 ], C58, *aliás* 160 fl.; a num. é de época posterior. — 26 l. — recl. no fim de cada cad. de 8 fl.; t. corr. — letra gótica do séc. XV (1416). — rubr.; iniciais a verm. e violeta; algumas a côres e ouro. — not. marg. de letra vária.

[fl. 1] Começasse atauoa do <sup>1</sup>pm <sup>o</sup>ljuro do dialogo de sam Gregorio. <sup>o</sup>pp̄. — fl. 1. Aq se começa hũu ljuro q̄ dizem dialego. q̄ qr diz palaura de dous Cadya em grego q̄r diz e nõffo rimãço palaura. E por esto. est' dialego qr diz. palaura de dous Ca est' ljuro foÿ feÿto pto nobre sam Gregoryo. q̄ ueo do lnhagem dos sanadoõs de Roma. z foÿ de pois. pp̄. deffa meefma cidade. [...]. — fl. C48 v.º *fim dos Diálogos, c. a subscr.:*  
Qui sc̄pfit ic̄bat: fit senp bnēdictg amē. S̄t añs o fez Era iiii liiiij años. — fl. C49. Aquy secomeça auinda de Sancto. alexo. Confessor. — fl. C53 v.º Aquy se começa ajuda do catiuo moge confeso. *tirada de S. Jerónimo; até fl. C58.*

Este cód. é a tradução dos Diálogos de S. Gregório Magno *ad Petrum clericum*, contidos no cód. XXXV. Como se vê da subscr., foi *feito*, (traduzido ou apenas copiada a tradução ?) por Estêvão Anes na era de 1454, que corresponde a 1416 de Cristo. E certamente o Estêvão Anes Lourido que copiou e cód. CXLIV. *Index cod. XXXVI*, p. 34; *Commentar.* p. 568 e 569. Sobre a *Vida de Santo Aleixo* veja-se a *Revista Lusitana*, vol. 1, p. 332; artigo de F. Esteves Pereira.

3. Conf. em Mattoso, J., "Cluny, Cruzios e Cistercienses na formação de Portugal", in **Portugal Medieval - novas interpretações**, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lousã, 1985; pp.101-121.
4. Silva Neto, Serafim, **Diálogos de São Gregório - edição crítica segundo os três mss. conhecidos**, Coimbra, 1950.
5. Conf. em Veiga, B. da Costa, op. cit., vol.II, p.142.
6. Conf. em Veiga, B. da Costa, op. cit., vol.II, p.147.
7. Migne, Pe. Jacques Paul, **Patrologia Latina**, coleção de textos dos Padres da Igreja, em muitos volumes, aparecidos de 1844 a 1855.
8. Silva Neto, Serafim, **Textos Medievais Portugueses e seus Problemas**, MEC - Casa de Cultura Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1956; transc. pp.45-47 e fac-símile pp.165-167;  
J.J. Nunes, "Textos Antigos Portugueses", in **Revista Lusitana** t. XXV, pp.242-250; Vasconcellos, Leite de, **Textos Arcaicos**, Livraria Clássica Ed., 4ª ed., Lisboa, 1959, pp.45-46;  
Martins, Mário, **Estudos de Literatura Medieval**, Livraria Cruz, Braga, 1956, pp. 262-264.
9. Sobre bibliografia do assunto, conf. em Spina, Segismundo, **Introdução à Edótica**, Cultrix/Edusp, São Paulo, 1977, pp.72-73.
10. Nunes, Eduardo Borges, **Álbum de Paleografia Portuguesa**, Instituto de Alta Cultura - Centro de Estudos Históricos - anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1969.
11. Conf. o que diz sobre o assunto Picchio, Luciana Stegagno, em "À margem da edição de textos antigos portugueses" in **A Lição do Texto - Filologia e Literatura**, Edições 70, Lisboa, 1979, pp.239-257.

## NOTAS DA TRANSCRIÇÃO

1. Alteração do original, onde encontramos "podessem".
2. No original, "matasse".
3. É interessante observar aqui que o verbo **ser** evoluiu da fusão do latim **sedēre**, "estar sentado" e **esse**, "ser".
4. Evolução do latim **sūrsu**, "de baixo para cima", daí, "acima".
5. Evolução do latim **inde**, "de lá, deste lugar, daí, donde, disso".
6. Evolução do latim **poenitentia**, "arrependimento, desgosto".
7. Do advérbio latino **in simul**, "em conjunto", por via do francês **ensemble**.